

Quanto mais a pandemia do novo coronavírus amedronta, mais a sociedade confia no jornalismo

Com o vírus à espreita de suas moradas, até os fascistinhas de WhatsApp buscam socorro em reportagens sérias

Eugênio Bucci, Especial para O Estado de S. Paulo

29 de março de 2020 | 05h00

SAIBA MAIS

Com a explosão da pandemia causada pelo **novo coronavírus**, o **jornalismo** cresce na preferência dos brasileiros. Para quando podemos esperar a vacina? Que medicamentos têm prognóstico positivo no combate aos sintomas? O confinamento é eficaz? Em que formatos? O que vai acontecer na economia? O tecido social vai se esgarçar? Enquanto o **presidente da República** aposta em sandices criminosas para desorientar a sociedade aflita e excitar suas falanges digitais (a última foi dizer que “brasileiro pula no esgoto e não acontece nada”), é na **imprensa** que as pessoas vão buscar respostas dignas de crédito.

As maiores redações profissionais no Brasil já perceberam que algo mudou. Ampliando os horários de seus telejornais, a **Rede Globo** colhe mais audiência (no Ibope, vem alcançando sozinha um índice maior do que a soma de todas as concorrentes). O *Jornal Nacional* virou um programa diário obrigatório para quem quer uma leitura responsável do que se passa. Aqui mesmo, no **Estado**, o aumento do número de assinaturas (no impresso e no digital) é relevante, no dizer dos editores. Uma **pesquisa do Datafolha** divulgada na segunda-feira, dia 23, revelou que os programas jornalísticos da TV, com 61%, e jornais impressos, 56%, lideram os índices de confiança do público para se informar sobre a pandemia. Quanto a Google e Facebook, ficam com apenas 12%.

LEIA TAMBÉM

Vírus, informação e responsabilidade



Em outro monitoramento, o Dapp (Diretoria de Análise de Políticas Públicas), da Fundação Getúlio Vargas, atestou que, entre os dias 12 e 24 de março, os vídeos mais vistos no YouTube e no WhatsApp sobre a covid-19 eram “quase todos” produzidos por veículos jornalísticos. No exterior, o quadro não é diferente. Um levantamento da agência Global de Comunicação Edelman, realizada em dez países (Brasil inclusive) entre os dias 6 e 10 de março, mostrou que, para 64% dos entrevistados, os jornais são os mais confiáveis entre todas as fontes de informação – num resultado que marca um forte crescimento em relação às pesquisas anteriores. De acordo com a Edelman, o Brasil ainda fica um pouco atrás da média global, mas acompanha a tendência favorável ao jornalismo registrada nos outros países.

Os números indicam uma **revalorização do trabalho jornalístico**. Na verdade, indicam mais do que isso. Essas cifras integram um universo de mudanças de atitude que sinalizam uma espécie de despertar, ainda tímido, da razão. A civilização que foi parar na enfermaria (e na UTI) parece tentar fazer as pazes com a sensatez e com a empatia. Ninguém aqui quer bancar o otimista, mas olhemos à nossa volta. Num mundo em que ninguém mais parecia disposto a se entender com ninguém, estabeleceu-se, em prazo recorde, um consenso surpreendente em torno da ideia de que os governos vão dar dinheiro para proteger os mais pobres. Algo realmente está mudando.

A mentira perde popularidade. Mesmo aqueles que se deliciavam em trabalhar de graça para o bolsonarismo espalhando fake news descobriram que, quando se trata da **saúde da família**, é na imprensa que podem confiar. Os cabos eleitorais da extrema direita são os que mais sabem do pacto com a fraude informativa patrocinada pelo presidente que aí está. Portanto, são os que mais sabem que não dá para se fiar no BolsoNero (para usar aqui o apelido que lhe foi conferido por Frei Betto e, esta semana, pela revista *The Economist*). Com o vírus à espreita de suas moradas, até os **fascistinhas de WhatsApp** buscam socorro em reportagens sérias.

Melhor assim. Que sejam bem-vindos. Uma sociedade sem imprensa, sem ciência, sem universidade, sem liberdade, sem apego à verdade dos fatos, sem compaixão e sem capacidade de diálogo não tem chances de sobreviver.

EUGÊNIO BUCCI É PROFESSOR DA ECA-USP E ARTICULISTA DO 'ESTADO'

NOTÍCIAS RELACIONADAS

[Vírus, informação e responsabilidade](#)

[Vacina para novo coronavírus deve demorar pelo menos 18 meses](#)

[O coronavírus está moldando o futuro de como trabalhamos?](#)

[Casamentos são adiados por conta da pandemia do coronavírus](#)

[Saúde reage a Bolsonaro e quer ampliar isolamento, fechando escolas e universidades](#)